



O papel do bibliotecário na formação humana por meio da literatura clássica

The role of librarian in human formation through classical literature

Claudia V. Bergamini¹, Esther H. Lück², Fernanda C. D. Alves³

¹ Professora Doutora do Centro de Educação, Letras e Artes Universidade Federal do Acre (UFAC)

² Professora Doutora do Departamento de Ciência da Informação Universidade Federal Fluminense (UFF)

³ Graduada em Biblioteconomia e Documentação na Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO

A importância da leitura dos clássicos para a formação humana é reconhecida, mas ainda se depara com desafios. Frente a essa constatação, o objetivo deste trabalho foi o de descrever a influência que a literatura clássica, como linguagem comunicativa atemporal, exerce na formação do homem e, ainda, destacar o papel da biblioteca e do bibliotecário na mediação do leitor com os clássicos. Trata-se de uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico que buscou trilhar um caminho investigativo que pudesse, gradativamente, ampliar a compreensão sobre a imanência do homem, o papel que a leitura dos clássicos pode exercer no encontro do homem com a sua natureza, tanto como ser individual quanto ser social, para afluir em direção à essência própria do papel do bibliotecário como um profissional que toma para si, junto com outros profissionais, a sua parcela na nobre tarefa de ser um formador de homens e mulheres. Para tanto, aborda-se a relação entre as artes liberais, mais especificamente o *Trivium*, e a literatura clássica, ambos considerados linguagens por meio das quais homens e mulheres se edificam, comunicam suas experiências humanas e constroem sua subjetividade.

Palavras-chaves: Bibliotecário; Biblioteca; Formação Humana; Literatura clássica; Trivium.

ABSTRACT

The importance of reading the classics for human formation is recognized, but it still faces challenges. Faced with this observation, the objective of this work was to describe the influence that classical literature, as a timeless communicative language, has on the formation of man and, also, to highlight the role of the library and the librarian in mediating the reader with the classics. This is an exploratory research of a bibliographic nature that sought to follow an investigative path that could gradually broaden the understanding of the immanence of man, the role that the reading of the classics can play in the encounter of man with his nature, as much as be individual as well as social, to flow towards the essence of the librarian's role as a professional who takes for himself, together with other professionals, his part in the noble task of being a trainer of men and women. Therefore, the relationship between the liberal arts, more specifically the *Trivium*, and classical literature is approached, both considered languages through which men and women build up, communicate their human experiences and build their subjectivity.

Keywords: Librarian; Library; Human Formation; Classic Literature; Trivium.

1. Introdução

O bibliotecário tem um importante papel na construção da sociedade, pois participa da formação do ser humano, uma vez que é mediador da leitura, ação que visa contribuir para que o leitor se aproprie de significados durante o processo de interação dele com o livro.

Os livros, por sua vez, são o suporte no qual há a permanência de dizeres que foram escritos ao longo dos séculos. Além disso, têm uma característica de eternidade, uma vez que são o recipiente em que estão materializados os conhecimentos produzidos

pelos homens e mulheres com o passar dos anos. E é a biblioteca o local em que o livro está inserido, com toda a magnitude e diversidade de formatos que adquiriu, por meio dos avanços tecnológicos produzidos pelo homem, sendo o livro tratado e disseminado pelos profissionais bibliotecários.

Assim sendo, a biblioteca tem o caráter de célula viva, pois está em constante crescimento e desenvolvimento. Ela é o espelho do seu tempo, apoiando a sociedade e a comunidade nas mudanças e acompanhando o crescimento intelectual destas. Existem vários tipos de bibliotecas, cada uma com um objetivo próprio a ser cumprido. E é na Biblioteca Pública que o bibliotecário amplia seu espaço profissional para atuar na formação humana, uma vez que essa instituição tem como objetivo principal viabilizar o livre acesso aos bens culturais da humanidade a todos, sem distinção, colaborando para a realização do homem, pois se acredita que a natureza da pessoa também se realiza com o saber e com a cultura.

No Manifesto da UNESCO sobre a biblioteca pública, alguns dos pontos chave da missão da biblioteca são criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças; apoiar a educação individual e a autoformação; assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa, estimulando a imaginação e a criatividade, e promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas. Essa missão transcende o acesso ao conhecimento e à mediação, a fim de possibilitar ao homem o acesso a sua interioridade, permitindo que ele alcance a autorrealização e se eleve enquanto ser humano em sua completude. Desse modo, configura-se a biblioteca como instrumento de fomento à leitura. Não está nem à frente nem atrás da escola, ao revés disso, caminham juntas quanto ao despertar para o interesse pela leitura.

Tecidas as considerações sobre a relevância da leitura e da biblioteca para a formação do homem, as perguntas que surgem são: em meio ao cotidiano da vida em que não se tem tempo para nada, o indivíduo do século XXI se conhece bem? Suas ações e escolhas são baseadas em uma reflexão profunda em vista do seu bem e ao do próximo? Esse homem reflete sobre ética e a maneira como está vivendo? Ele se percebe como protagonista de sua vida?

Essas reflexões a respeito dos dilemas da contemporaneidade e a fluidez das relações e dos entendimentos sobre o que “convém e o que não convém”, na concepção aristotélica da expressão, remetem ao papel que a literatura clássica desempenhou e desempenha na formação humana e como essa literatura enfrenta obstáculos e preconceitos. Afirma-se isso por se considerar que os livros clássicos têm um papel fundamental para o ser humano, pois trazem elementos para a busca de respostas de que cada homem necessita. Vão além de uma leitura para o divertimento: nos clássicos, estão contidos os maiores ensinamentos da humanidade. Os clássicos são aqueles livros que “exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e, também, quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (Calvino, 1993, p. 10).

Frente a um cenário em que a leitura é, por muitos, posta em segundo plano, o papel do bibliotecário como mediador da leitura do clássico é importantíssimo, pois vai além do cumprimento da sua formação profissional. É um compromisso social que ele estabelece na medida em que assume a sua parcela de responsabilidade com a formação humana, ou seja, a de participar junto à sociedade da formação de indivíduos para a vida, tanto social e cultural, quanto pessoal e integral.

O tema sobre o qual se volta este artigo foi pensado face à importância da leitura dos clássicos e do preconceito que sofrem devido à dificuldade para a compreensão da sua linguagem, estrutura e do contexto histórico para o qual se reportam. Acredita-se que uma divulgação maior do que essa leitura pode comunicar e significar para os leitores de

qualquer época pode ajudar a quebrar esse preconceito. A biblioteca pública, por ser um lugar envolto na cultura e na busca de conhecimento, revela-se um local perfeito para a iniciação da leitura desta literatura. Nesse sentido, o bibliotecário pode ajudar a despertar o interesse de leitores para a literatura clássica, sem, no entanto, ferir o seu direito de liberdade de escolha de qualquer obra, cuja leitura possa interessar.

Calvino (1993), ao abordar a importância da leitura dos clássicos, enfatiza o processo de descoberta pelo qual passa o leitor, descoberta de outro universo, de outro tempo, de outra cultura, sem se afastar de dramas inerentes ao homem, e termina pontuando que o clássico sempre tem muito a dizer, não importa quantas vezes a pessoa já o tenha lido e, por isso, a orientação ao leitor o ajudará a buscar esses novos dizeres a partir da leitura da literatura clássica.

Por certo, não se pode forçar ninguém a ler, ainda que a leitura seja – sempre (ou ainda que mais raramente não seja) – benéfica. Dessa forma, o bibliotecário, ao mediar a leitura dos clássicos, não irá agredir os direitos de cada leitor, pois respeitará sempre a liberdade de cada um. A liberdade é uma marca característica do ser humano e vai ao encontro da ética profissional e pessoal do bibliotecário.

Com vista à complexidade do tema e das áreas por ele envolvidas, as seguintes questões foram formuladas para orientar a condução deste artigo: Que características são inerentes ao ser humano que o faz buscar, incessantemente, a autorrealização, o conhecimento, o sentido (e a sua leitura) da vida e das coisas? A leitura dos clássicos pode contribuir para a formação humana na busca de sentido para a vida? Sendo o bibliotecário o mediador entre a informação e o usuário, um agente que tem influência na disseminação do hábito de leitura, qual a sua importância no estímulo da leitura dos clássicos?

Sem a pretensão de ser um estudo profundo do tema, dada a natureza de pesquisa exploratória e de cunho bibliográfico, buscou-se trilhar um caminho investigativo que pudesse ir, gradativamente, ampliando a compreensão sobre a imanência do homem, o papel que a leitura dos clássicos pode exercer no encontro do homem com a sua natureza, tanto como ser individual quanto ser social, para desembocar na essência própria do papel do bibliotecário como um profissional que toma para si, junto com outros profissionais, a sua parcela na nobre tarefa de ser um formador de homens e mulheres.

Para buscar respostas ao problema apresentado pela pesquisa, foram estabelecidos os seguintes objetivos, a saber: descrever o homem como ser antropológico e o poder que a linguagem exerce na sua humanidade e na sua imanência; identificar pontos de convergência entre o *Trivium*, como um segmento das Artes Liberais, e a Literatura Clássica para a potencialização da formação humana; argumentar a respeito da importância da biblioteca e dos bibliotecários na mediação do usuário com a literatura clássica.

Inicia-se com uma breve incursão na Filosofia e na Antropologia para apresentar o que alguns autores expõem sobre quem é o ser humano, este ser tão complexo e diferente das demais espécies. Em seguida, assumiu-se o desafio de tecer uma relação entre as Artes Liberais, especificamente o *Trivium*, que no conjunto das artes liberais representa a mente e o intelecto, e a Literatura Clássica, ambos considerados linguagens por meio das quais homens e mulheres se edificam, expressam suas experiências humanas e constroem sua subjetividade. Por fim, procurou-se instar a classe bibliotecária a compartilhar com a ideia de que é preciso, também, preocupar-se com a mediação dos clássicos, dividindo com outros profissionais o mister da formação humana.

Espera-se que as reflexões suscitadas possam despertar o interesse dos profissionais bibliotecários sobre a importância da leitura dos clássicos aqui destacada, tanto para a sua própria formação como para a formação de leitores, fazendo a mediação sem imposição, com respeito à liberdade de escolha dos usuários.

2 O SER HUMANO

A realidade da vida humana é muito rica e complexa, não sendo, portanto, algo que se abarca com um rápido lançar de olhos. Partindo da consideração do homem como um ser vivo, tem-se uma perspectiva que permite compreender as afinidades e diferenças que há entre o ser humano e os animais, levando clareza para se compreender também o porquê de o homem atuar como atua.

Yepes e Echevarria (2005) dividem o ser vivo em cinco características, sendo elas, a capacidade de se movimentar, a unidade do ser, a imanência, o crescimento como autorrealização e, por fim, o ritmo cíclico e harmônico da vida.

Por essas características que englobam todos os seres vivos, diferenciando-os dos seres inertes, há uma gradação, uma escala sucessiva de perfeição. Yepes e Echevarria (2005) nomeiam essa escala como graus de imanência, ou seja, “quanto maior for a capacidade de um ser vivo de reter dentro de si, quanto mais desfrute de um mundo interior, ou quanto mais conheça a si próprio, maior será seu nível imanente” (Yepes, Echevarria, 2005, p. 21).

Existem três graus de imanência que dividem essa escala, os quais são dotados por grandes diferenças: vida vegetativa, sensível e intelectiva. Esse último é próprio do ser humano. Nele, rompe-se a necessidade do circuito estímulo-resposta. “O homem escolhe intelectualmente seus próprios fins, [...] e não se conforma com os fins da espécie, [...] propõe fins pessoais, [...] tem em suas mãos a tarefa de criar sua própria vida” (Yepes, Echevarria, 2005, p. 22). Os meios que conduzem o homem aos fins não são dados, mas têm de ser encontrados.

Dentre as características dos seres humanos, Yepes e Echevarria destacam outra: “a tendência a crescer e a de desenvolver-se até chegar ao seu telós¹, seu fim e perfeição” (Yepes, Echevarria, 2005, p. 79). Isto coincide com a ideia de Aristóteles em seu livro *Ética a Nicômaco*. Nele, Aristóteles trata, como a finalidade do homem, o “bem”: o bem é aquilo que convém para cada coisa, porque conduz a sua plenitude. Segundo Aristóteles, o bem deveria ser conhecido para se ter em vista o fim que se deseja alcançar, senão a vida seria desperdiçada. Diz ele:

Ora, não é certo que, em relação à vida, o conhecimento do bem tem um grande peso, e assim como os arqueiros miram um alvo, poderíamos atingir mais facilmente o que é necessário? Se é assim, deve-se tentar, ainda que de modo geral, compreender o que ele é afinal, e de quais ciências ou potência ele participa, ele é objeto. (Aristóteles, 2015, p. 19).

O fim é o princípio das ações humanas, tudo que o indivíduo faz, fá-lo por um fim. “O fim do homem é aperfeiçoar suas capacidades ao máximo, em especial as superiores (inteligência e vontade; verdade e bem). A inteligência busca o conhecimento da realidade” (Yepes, Echevarria, 2005, p. 81).

Ao buscar sua perfeição e verdade, o ser humano também se encontra diante de outra faceta: a felicidade. A realização de um fim, naturalmente, leva a essa virtude. Aristóteles explicita que “o bem viver e o bem agir sejam semelhantes a ser feliz” (2015, p. 19). Para o filósofo grego, a felicidade é algo absoluto e autossuficiente, sendo considerada o objetivo final das ações praticadas pelo indivíduo. Em suma, a felicidade é a finalidade das ações humanas, sendo que a prática do bem é o caminho pelo qual efetivamente irá alcançá-la, pois é de sua natureza buscar o seu próprio aperfeiçoamento.

¹ Telós: Palavra grega que se traduz por *fim*, *finalidade*, *sentido*, *meta*. Costuma-se utilizá-la para expressar o sentido de levar à plenitude, à consumação de algo.

E ao almejar o bem, o ser humano necessita estar em contato com o outro. A felicidade é incompatível com a solidão. Para isso, é fundamental o diálogo, pois “outra marca característica da pessoa é a capacidade de dar. A pessoa é efusiva, capaz de tirar de si o que tem para dar ou presentear” (Yepes, Echevarría, 2005, p. 63). Todas as suas experiências, pensamentos, medos e alegrias, o indivíduo precisa compartilhar. Isso se dá por meio do diálogo, porque ao dar-se é preciso que haja quem receba e lhe corresponda, senão não haverá realização enquanto homem. Como se explica no seguinte trecho:

Essa abertura que se entrega tem como receptor lógico a outra pessoa e assim se estabelece a necessidade do diálogo: dar leva ao intercâmbio inteligente da palavra, da novidade, da riqueza interior de cada um do que se dá. Uma pessoa sozinha não pode nem se manifestar, nem dar, nem dialogar: se frustraria por completo. (Yepes; Echevarría, 2005, p. 63-64).

O homem é incapaz de atingir sozinho a realização plena da sua própria condição. É importante que haja a abertura de sua intimidade a outra intimidade, que haja a troca de cultura. A intimidade é uma marca do ser humano, uma vez que ela indica um dentro que só a própria pessoa conhece. “O homem tem um dentro, é para si, e se abre em direção ao seu próprio interior, na medida em que se atreve a conhecer-se, a introduzir-se na profundidade de sua alma” (Yepes; Echevarría, 2005, p. 62). Ela é o grau máximo de imanência.

Há um sentimento natural que a protege de estranhos: o pudor, pois a intimidade só deve ser compartilhada quando houver a confiança e a segurança de que aquela pessoa possa compreender. Sua característica mais importante é que “não é estática, mas algo vivo, fonte de coisas novas, criadora: está sempre em ebulição, é um núcleo do qual brota o mundo interior” (Yepes; Echevarría, 2005, p. 64-65).

Nenhuma intimidade é igual à outra, cada uma é irrepetível e única. É dela que surgem as mais fantásticas coisas pensadas e criadas pelos seres humanos, e só se pode conhecer quando permitido e manifestado pelo outro. Essa manifestação se dá pelo corpo, pela linguagem e pela ação. É muito comum que, por meio dos gestos, cada um expresse seu interior, pois o corpo também fala a sua própria linguagem.

Chega-se em um ponto em que a linguagem é essencial à vida humana. Como dito anteriormente, o diálogo é algo que o homem não pode viver sem, haja vista que é um ser constitutivamente dialogante.

Seguindo as características da pessoa humana, constata-se três marcas importantes: a intimidade, o diálogo (que é a manifestação dela) e a liberdade. O homem é livre para expor ou não seus pensamentos mais profundos, ele é livre porque é dono dos seus atos e dos princípios dos seus atos. Por conseguinte, dono do desenvolvimento da sua vida e de seu próprio destino.

Em suma, é por ser livre que o indivíduo escolhe abrir sua intimidade a outro, então se estabelece o diálogo, e assim o crescimento próprio com o dar e o receber. A linguagem está intrinsicamente nessas ações. O homem se define por meio dela, pois é o que mais o diferencia dos seres vivos.

Sendo assim, é a linguagem que torna o homem mais humano, uma vez que é um instrumento essencial do diálogo. Analisando as funções do diálogo, observa-se que a educação se torna presente, mesmo sem ser intencional, pois o indivíduo está aberto ao desconhecido, ao compartilhamento, aprende algo novo em relação à visão de mundo do outro e ensina a sua própria visão.

Face a essas considerações, traça-se no próximo tópico a relação entre o homem, a educação e a linguagem.

3 AS ARTES LIBERAIS

Como explicitado anteriormente, a linguagem e a educação são inseparáveis da própria natureza do ser humano. Ao longo da história, a educação foi vista de diversas maneiras. Aqui se foca em uma delas, a que utiliza a natureza do homem para responder a ele mesmo.

Na Antiguidade, a educação visava tornar o homem dono de si, alcançando, assim, a sua finalidade. Não havia, no entanto, um documento que comprovasse ou autenticasse o aprendizado, pois havia a crença de que o ensino era mais eficaz quando buscado livremente, conforme comenta Marguerite McGlim, na introdução da obra de Miriam Joseph (2011, p. 17).

As artes liberais foram um conceito do período clássico, mas foi na Idade Média que a expressão e divisão das artes em *Trivium* e *Quadrivium* são dadas. De acordo com Miriam Joseph, “o *Trivium* inclui aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à mente, e o *Quadrivium*, aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à matéria” (Joseph, 2011, p. 21).

Nas artes liberais, o *Trivium* trata da Gramática, Retórica e Lógica. Segundo Joseph (2011), a lógica é vista como a arte do pensamento; a gramática, como arte de inventar e combinar símbolos e a retórica, como arte da comunicação. Já o *Quadrivium* trata da Aritmética, Música, Geometria e Astronomia.

Interessa a este artigo tratar do *Trivium*, a arte da linguagem e comunicação humanas.

Para compreendê-lo, é necessário entender o que são cada uma das três disciplinas abarcadas por ele e qual a sua unidade, ou seja, o que as tornam pertencentes a uma arte. A gramática é o ato de falar e escrever bem, a retórica, o ato de discursar bem e a lógica ou dialética (como chamavam antigamente) é o ato de expor ou dissertar corretamente. Falcón (2016) explica que “os verbos ‘falar, discursar e expor’ implicam um ato linguístico. Todos giram em torno do ato de linguagem, comunicação simbólica” (Falcón, 2016).

O que coincide com o que Joseph diz sobre o *Trivium*, que compreende:

[...] toda educação em todos os níveis, porque as artes da lógica, gramática e retórica são artes da comunicação mesma, uma vez que governam os meios de comunicar – a saber: leitura, redação, fala e audição. O pensamento é inerente a essas quatro atividades. A leitura e a audição, por exemplo, apesar de relativamente passivas, envolvem pensamento ativo, pois concordamos ou discordamos daquilo que lemos ou ouvimos. (Joseph, 2011, p. 24).

É importante dar uma ênfase à linguagem humana e ao seu sentido filosófico. Ela é a que carrega a racionalidade do homem, pois implica a existência humana inteira, sendo o modo fundamental de existir e pensar do ser humano.

Marguerite McGlim comenta, na introdução da obra de Joseph (2011, p.17), que se engana quem pensa que o *Trivium* são as regras gramaticais, termos literários e fórmulas silogísticas. Em sua concepção original, o *Trivium* oferecia nada menos do que ferramentas para o aprimoramento do intelecto.

A gramática é a arte de escrever, a arte da linguagem dos símbolos. “Um símbolo é um signo sensível e arbitrário, cujo significado é sobre ele imposto por convenção. Um signo é sensível, pois pode ser percebido pelos sentidos. Todo signo tem um significado, quer advindo da natureza quer por convenção” (Joseph, 2011, p.32). Todas as palavras são símbolos.

De acordo com Joseph (2011), a natureza da linguagem é a comunicação por símbolos, pois a linguagem é um sistema de símbolos que expressa os sentimentos e pensamentos de uma pessoa.

A gramática é descompactar a sabedoria, decodificar. A poesia é o conhecimento compactado, segundo Falcón (2016). Decifrar a poesia é uma introdução ao deciframento da vida. É interessante refletir que, ao não conseguir interpretar um poema, decifrá-lo, decodificá-lo, torna-se mais difícil compreender a vida e a existência humana.

Como pode um sujeito compreender a própria vida e a existência humana com toda a sua variedade, com toda a sua profundidade, se ele não consegue nem mesmo interpretar, nem mesmo decifrar, um texto escrito por um outro homem? Que é um ser limitado, com intenções limitadas, com conhecimento limitado (Falcón, 2016, s.p.).

Por isso a importância da gramática no seu sentido pleno. É por meio dela que um indivíduo descompacta o conhecimento, aprende a ser quem é, a ser humano, compreende sua cultura e seu país de origem. E, também, na perspectiva de Joseph (2011):

a gramática dá expressão a todos os estados da mente, ou da alma – cognitivo, volitivo e emocional – em frases que são afirmações, perguntas, desejos, orações [preces], ordens e exclamações. Neste sentido, a gramática tem um escopo mais amplo do que a lógica; e assim também a retórica, que tudo isso comunica a outras mentes” (Joseph, 2011, p. 66).

É a partir dela que os fundamentos da retórica e o seu contexto são criados. A retórica surge nos contextos das discussões civis, ou seja, daquilo que diz respeito às organizações dos seres humanos. É a arte em que o diálogo mais se consolida, pois é a arte da comunicação.

Ela é “a arte mestra do *Trivium*, pois ela pressupõe e faz uso da gramática e da lógica; é a arte de comunicar através de símbolos as ideias relativas à realidade” (Joseph, 2011, p.28).

Falcón (2016) constata que a retórica trata das questões sociais e que sua função é persuadir. Segundo ele, a retórica sempre foi ensinada para resolver problemas concretos, pois é uma disciplina administrativa: administra a vida, tal como é, e não como ela pode ser.

Para resolver problemas concretos, precisa-se de fundamentação. A retórica trata dos problemas individuais e concretos. A partir dessas considerações, nota-se a proximidade da retórica com a ética, pois ela ensina a capacidade de lidar corretamente com as situações do mundo pelos casos concretos (Falcón, 2016).

Falar da retórica, traz seu sentido mais prático, pois:

faz um cotejo entre símbolos gramaticais equivalentes para então escolher a melhor ideia a ser comunicada numa dada circunstância [...]. A gramática lida apenas com a frase, com um pensamento; a lógica e a retórica lidam com o discurso estendido, projetado, com as relações e combinações de pensamentos. (Joseph, 2011, p. 66).

Desse modo, a retórica é o caminho para a lógica, além de carregar consigo certa noção de virtude.

Como dito anteriormente, a lógica é a arte do pensamento. Mais especificamente, é uma arte de depurar, porque é nela que se veem as possibilidades de sentido. De acordo com Costa (2006), “lógica es la culminación del *Trivium*, pues a través de ella el entendimiento humano es exaltado” (Costa, 2006, p.144).

Na disciplina lógica, segundo Falcón (2016), depuravam uma palavra até se tornar um conceito e a sistematizavam. Ela trata da “depuração dos símbolos linguísticos, tornando um conceito distinto, que pode ser discutido e considerado verdadeiro ou falso” (Falcón, 2016, s.p.).

Por criar conceitos, a lógica “diz respeito ou lida apenas com as operações do intelecto, com a cognição racional, e não com a volição, nem com as emoções” (Joseph, 2011, p.66). Ela busca a verdade, como explica Costa (2006): “la lógica está relacionada con la búsqueda de la verdad [...] y de una manera elegante y bella, utilizando palabras que expresen correctamente las cosas” (Costa, 2006, p. 144-145).

Com esta arte, o indivíduo atinge o sentido da palavra, determinando um conceito que pode ser debatido até surgir outro, já que por ela “los hombres pueden abarcar todas las cosas creadas, en sus relaciones y diferencias, permitiendo asociar unas cosas con otras” (Costa, 2006, p. 145).

Tendo em vista que as três artes tratam sobre a linguagem, o que distingue as três disciplinas é que elas têm estágio de depuração diferente e atuam em camadas distintas da vida humana.

O sujeito não pode se privar da linguagem simbólica, precisa dela para pensar. Ele não pode se privar de ser um sujeito social, porque o homem é um animal político na sua essência. Não pode se privar da dimensão da lógica, porque ela é a dimensão da verdade, exata, clara, precisa e pode ser questionada (Falcón, 2016, s.p.).

Joseph (2011) justifica a importância de se ter o domínio das três disciplinas como ferramentas que ensinam a viver, haja vista que “O conhecimento formal da gramática, da retórica e da lógica (conhecimento explícito) é também valioso, pois nos permite saber porque certos raciocínios e expressões estão corretos ou são eficazes, e já outros, exatamente o oposto” (Joseph, 2011, p. 67).

O *Trivium* é a ciência da vida humana, pois é “o caminho pelo qual o intelecto compreende a vida, a unidade da experiência humana traduzida em forma de linguagem que, a princípio, vai ficando cada vez mais depurada e mais apropriada também” (Falcón, 2016, s.p.).

Na visão de Antônio Cândido:

a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como um todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. (Candido, 1995, p. 246).

Relacionando a reflexão acima com o *Trivium* e a literatura clássica, verifica-se que ambos estão interligados, uma vez que um trata da linguagem e vida humana, e a outra é a própria linguagem impressa tratando de situações humanas.

4 A LITERATURA CLÁSSICA

Partindo do princípio de que a linguagem articulada é a forma mais eficiente de comunicação entre os homens (Carvalho Neto, 2011), as narrativas poderão ser definidas como a interface entre o indivíduo e a espécie, ou seja, o que se conhece por literatura é algo que põe o homem em contato com a cultura, com a humanidade enquanto sucessão histórica e sucessão temporal. Agora, o que são clássicos?

“Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los” (Calvino, 1993, p. 10). O uso da palavra “riqueza” reflete o peso da literatura clássica, uma vez que, nela,

uma experiência inerente ao ser humano foi registrada de forma excepcionalmente clara, e permite a quem os lê viver com um sentido de vida.

Tal pensamento leva à outra possível definição, segundo Calvino: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 1993, p. 11). Apesar do tempo, a leitura de um clássico trará consigo as marcas que já deixou na sociedade, cultura, linguagem, nos costumes e até mesmo nos leitores anteriores. No entanto, há sempre um contato novo, um diálogo inédito entre o livro e quem o lê. A explicação é simples, consiste no fato de que é clássica aquela obra que tem algo a dizer de novo no aqui e agora, e sempre.

O fator atemporal dessas leituras permite mais uma maneira de defini-las: “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato, mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (Calvino, 1993, p. 12). Ou seja, a imagem que se tem do livro é surpreendida pelo ato de lê-lo e descobrir que por mais antiquado que pareça, seus personagens refletem sentimentos e ações que persistem mesmo em uma sociedade que parece mudada, incompatível com a realidade registrada no livro. Por essa razão, Machado afirma que o “clássico não é um livro antigo e fora de moda. É um livro eterno que não sai de moda” (Machado, 2009, p. 15).

Atentando ao fato de que o ser humano é um decifrador de sentidos subjacentes a um texto, uma vez que traduz e cria sentidos, interpreta, tornando-o inteligível, por meio da sua capacidade simbólica, abrir um livro incide em colocar o leitor frente à imensa tarefa de decifrar, muito longe de ser somente um passatempo.

Ao revés disso, a leitura vai além de um passatempo. Em se tratando da leitura da literatura clássica, as atividades cognitivas que se exigem do leitor são ainda maiores, trata-se de um “hábito essencial para ampliar horizontes, em si mesmos limitados, para amadurecer perspectivas, compreender a complexidade e, ao mesmo tempo, a simplicidade do real” (Ramoneda; Ayxelá, 2017). Faz-se mais atual que o próprio jornal, devido a sentimentos inerentes ao homem que são abordados. A literatura clássica se oferece, assim, como uma peça fundamental e insubstituível para o entendimento da diversidade interior de cada ser humano.

Afinal, os clássicos são “chaves” para a compreensão dos tipos humanos, ou seja, tipos de personalidade, como Carvalho Neto (2011) afirma, seus autores escreveram não por diversão ou entretenimento, mas principalmente por terem encontrado algo crucial na natureza humana que os fizera sentir uma inquietação e a necessidade de passarem para as gerações futuras. Vale ressaltar que tal descoberta se deu no íntimo de quem mais tarde extravasou em prosa suas ideias sobre o homem e suas relações sociais. Mas no que consiste essa intimidade?

Segundo Yepes e Echevarría (2005), o íntimo indica um mundo interior que só a própria pessoa conhece, uma abertura para dentro da profundidade da alma que poderá ser conhecida por outros unicamente se exposta por ela. É um núcleo vivo de onde brotam novidades, pois é próprio do homem que ele seja e cause algo novo e tão central ao ponto de ser o que torna uma totalidade única e consciente de si, e ter um sentimento que o proteja de estranhos, como mencionado anteriormente, o pudor.

Dito de outra forma, a intimidade está em um constante estado de ebulição, possui seu próprio dinamismo de onde faz surgir a novidade de um “eu” que é irrepetível, um alguém que tem sua própria contribuição para dar ao mundo com o que só seu íntimo pode criar, e não se pode forçar que este se manifeste. É preciso que a pessoa se mostre por meio de seu corpo, sua linguagem ou suas ações, isto é, usando sua liberdade.

É importante ressaltar que cada indivíduo tem o “seu” clássico, não se deve forçar ninguém a ler o que quer que seja, mesmo quando se age pensando no melhor para o

outro. Pennac (1993) cita os direitos de cada leitor, e dois deles são “o direito de não ler; [...] O direito de ler qualquer coisa” (Pennac, 1993, p. 139).

Machado também expressa a importância da liberdade do leitor, uma vez que:

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não um dever. É um alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter sua disposição – de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo. (Machado, 2009, p. 15).

Compreende-se que os clássicos, por serem livros mais densos e com conteúdo voltado para o interior do homem, exigem do leitor o desejo de querer lê-los, e o “deguste” da melhor forma possível, para tanto, é preciso estar preparado para abarcar tudo o que lhe é oferecido. É nessa esteira que se percebe a relevância do papel do bibliotecário – não apenas dele, mas também do professor – quanto ao auxílio que pode oferecer ao leitor para o despertar do interesse da leitura da literatura clássica.

Por meio da literatura, o homem pode entender situações pelas quais ele nunca passará. Por exemplo, caso ele deseje saber como era viver no período da guerra, ou o pós-guerra, e o que significou para cada indivíduo concretamente: ainda que faça entrevistas com cinco mil pessoas, nunca de fato irá compreender, ou “viver na pele”, pois somente a leitura e o diálogo do leitor com o livro possibilitam que o ser humano passe pela mesma experiência do outro de modo imaginativo, e isso pode revelar muitas coisas sobre ele mesmo e o próximo (Carvalho Neto, 2011).

Petit (2010) explica em seu livro que:

Ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência. É o texto que “lê” o leitor, de certo modo é ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar (Petit, 2010, p. 38).

É muito importante que exista este diálogo, pois o clássico, ao transmitir experiências difíceis de serem reproduzidas, possibilita um entendimento crucial para esmerar a vida do próprio indivíduo ou de quem o cerca. Afinal, embora uma situação ou personagem não seja importante para quem o está lendo naquele momento, ao menos lhe fará compreender o que o outro está passando em seu íntimo, e até o porquê de suas ações e escolhas. Ademais, “um livro, produzido em um outro século e concebido como clássico, foi elaborado dentro de um contexto histórico e por um indivíduo (escritor) que também é um sujeito histórico” (Bergamini, 2019, p. 100) e “uma literatura amadurecida tem uma história atrás de si” (Eliot, 1945, p. 79) que precisa ser desvendada.

Isso porque o clássico é a chave explicativa dos tipos humanos. Segundo Carvalho Neto (2011), “a diversidade interior que existe nas pessoas é muito maior do que a biodiversidade do mundo inteiro” (Carvalho Neto, 2011), ou seja, há menos espécies de animais ou plantas do que tipos humanos. Explica Yepes e Echevarría (2005) que “ser pessoa significa ser reconhecido pelos demais como tal pessoa concreta. O conceito pessoa surgiu como resposta às perguntas: ‘Quem és?’; ‘Quem sou?’. Quer dizer, resposta às perguntas sobre um eu” (Yepes; Echevarría, 2005, p. 65). Ninguém é capaz de ter a mesma resposta para essas perguntas, a cada indivíduo uma resposta diferente, e isso claramente é sinal da diversidade interior.

Outra característica da leitura envolve a capacidade de os clássicos ajudarem a nomear aquilo que o indivíduo não entende, mas sente dentro de si. É mais fácil lidar com algo que se sabe o que é, do que quando é desconhecido, pois dá medo.

Os escritores nos ajudam a nomear os estados pelos quais passamos, a distingui-los, a acalmá-los, a conhecê-los melhor, a compartilhá-los. Graças a suas histórias, escrevemos a nossa, por entre as linhas. E porque tocam o mais profundo da experiência humana – a perda, o amor, o desespero da separação, a busca de sentido – não há razão para que os escritores não toquem cada um de nós (Petit, 2010, p. 38-39).

Nomear o que ocorre durante a vida é essencial para o crescimento e desenvolvimento de cada ser humano. A leitura pode ser um caminho privilegiado para a construção de si mesmo, no pensar e dar sentido à própria experiência, à própria vida (Petit, 2010). Essas experiências caracterizam-se como o conhecimento não só da própria vida, mas da natureza humana também.

Isso porque, ao ler um clássico, a vivência de forma imaginativa de tal situação ou o encontro de si nas linhas do livro amplia no ser humano o seu mundo interior, o seu imaginário. Ao que não lê não será tão fácil alcançar a compreensão de si e dos outros ao seu redor. Irá perceber-se só, mesmo que rodeado de amigos ou parentes, pois sentirá falta de quem o conheça profundamente e o entenda.

No entanto, pode ser desconhecida a causa do sentimento de solidão, já que aparentemente convive com os indivíduos e se parte da premissa de que os conhece. De acordo com Carvalho Neto (2011), “se depender do cotidiano, você só terá uma visão chapada da pessoa, somente a literatura lhe dá profundidade ao olhá-la” (Carvalho Neto, 2011).

Entende-se que a percepção harmônica do humano não pode ser realizada senão pela leitura - aqui se defende a leitura da literatura clássica - da arte, da literatura, as quais ampliam as sensações e percepções humanas. Assim, sem a leitura, o homem acaba vivendo como um animal, ou seja, preocupa-se apenas com o mundo externo, e não há a reflexão sobre seus atos e pensamentos, tornando sua vida mecânica e apenas instintiva. E é esta reflexão que o diferencia do animal, pois o homem é um ser que possui imanência. “A lição que a leitura nos ensina pode ser ainda, como dizem muitos, a de que antes de pertencer a este ou àquele território, somos seres humanos” (Petit, 2010, p. 93).

5 O BIBLIOTECÁRIO E A LIBERDADE DO LEITOR

A atuação do bibliotecário está intrinsecamente vinculada à defesa da liberdade intelectual, compreendida como o direito de cada indivíduo acessar, escolher e utilizar informações sem restrições arbitrárias. A biblioteca, enquanto instituição social, não apenas disponibiliza acervos, mas também garante condições para que os usuários exerçam sua autonomia informacional. Segundo a IFLA/UNESCO (1994), as bibliotecas devem assegurar “o acesso livre e igualitário à informação, sem censura ou limitações ideológicas”, o que coloca o bibliotecário como agente central na proteção da liberdade de leitura.

Da perspectiva ética e profissional, o bibliotecário é responsável por promover um ambiente que respeite a pluralidade de ideias, evitando juízos de valor sobre as escolhas dos usuários. O Código de Ética do Profissional Bibliotecário (CFB, 2002) estabelece que é dever do bibliotecário garantir a “livre circulação da informação” e abster-se de qualquer prática que limite o acesso ao conhecimento. Assim, a mediação da leitura não pode ser confundida com direcionamento normativo; trata-se de orientar, ampliar possibilidades e favorecer a compreensão crítica, sem interferir na autonomia do leitor.

Nesse sentido, o desenvolvimento de coleções de livros também deve refletir o compromisso com a diversidade e a liberdade intelectual. Na visão de Silva e Cunha (2010), políticas de seleção e aquisição precisam contemplar múltiplas perspectivas

culturais, ideológicas e estéticas, permitindo que diferentes perfis de usuários encontrem representatividade e acesso a obras que atendam a seus interesses informacionais. A pluralidade do acervo é uma condição indispensável para que a liberdade de leitura seja efetivamente garantida.

Além disso, o serviço de referência desempenha papel estratégico na consolidação dessa liberdade. De tal maneira, a função do bibliotecário não é fornecer respostas prontas, mas auxiliar o leitor na construção de seus próprios percursos investigativos, respeitando suas necessidades e decisões. Como aponta Campos (2015), o profissional da informação deve atuar como mediador ético, promovendo um diálogo que preserve “a autonomia cognitiva do usuário”, sem impor preferências ou barreiras.

Assim, assegurar a liberdade do leitor significa reconhecer a leitura como prática social emancipada, e o bibliotecário como guardião desse direito. Ao promover acesso irrestrito, diversidade de fontes e mediação ética, o bibliotecário fortalece a democracia informacional e reforça o papel da biblioteca como espaço de pluralidade, cidadania e formação crítica.

O bibliotecário, portanto, ao promover a ação cultural², ao realizar o desenvolvimento de coleções³ e o serviço de referência⁴, deve sempre levar em conta a liberdade de cada indivíduo.

A biblioteca, por intermédio da ação do bibliotecário, deveria propiciar ao usuário o exercício da sua liberdade individual, sua livre escolha dos registros bibliográficos, dentro do possível universo bibliográfico e documental, tanto por meios internos como externos da biblioteca. (Tsupal, 1987, p. 157).

Como visto anteriormente, uma das marcas da individualidade de cada ser humano é a liberdade, que é algo intrínseco a ele e um direito que deve ser respeitado. E o bibliotecário tem que ser o guardião da liberdade individual.

Censura de leituras e acessos não autorizados não combinam com a demanda de circular a informação. Em transformá-la para uma vida melhor. Bibliotecas devem estar na pauta de políticas públicas de acesso à informação e inclusão social e digital. Não se pode continuar a exclusão social de muitos e continuar com privilégios de determinados grupos ao acesso da informação. Livros restritos e livros proibidos resgatam situações de violência ao ser humano, a não respeitar o direito à informação. Não se pode viver mais uma “época que poucos sabiam muito e muitos sabiam pouco”. (Blattmann; Fragoso, 2006, p. 66).

O bibliotecário tem como dever proteger o leitor da censura ou qualquer outro modo de violência contra seu livre modo de agir, garantindo assim a liberdade individual do pensamento do leitor. Para isso, deve-se integrar esses valores na sua atitude profissional.

² Ação cultural é a atuação que permite ao bibliotecário atuar como formador humano na sociedade de maneira prática. A ação cultural diz respeito a: eventos e projetos voltados ao resgate cultural, que visem à mediação da informação no processo político-educativo, no qual o seu público e, sobretudo o não público, passem de meros receptores a produtores de cultura, participando da discussão sobre essas questões (Santos, 2015, p.173).

³ Trata-se de serviço essencial, realizado a partir de metodologia definida, para personalizar a biblioteca a fim de atender à comunidade pertencente a ela.

⁴ O serviço de referência é aquele no qual o bibliotecário atua diretamente com o usuário, oriente-o na busca por informações. O profissional promove a interface entre a informação e o usuário, o qual apresenta uma necessidade informacional, e o bibliotecário precisa decifrá-la e conhecê-la.

Tsupal (1987) comenta que o bibliotecário precisa se colocar no papel do leitor, não deixando que atitudes, opiniões e crenças próprias influenciem no seu mister. Vergueiro complementa esse argumento no seguinte trecho:

Procura transmitir a ideia de que a prática bibliotecária, tal como a arte, é essencialmente pura e não deveria ser corrompida por interesses ou controles sociais. Mais ainda, propugna a ideia de um bibliotecário que se colocaria acima de qualquer contenda política ou ideológica, o qual forneceria informações - todas elas, sem censura - para que os próprios interessados decidissem, por si sós, seus caminhos e suas ideias. (Vergueiro, 1988, p.212).

No entanto, não significa que o bibliotecário deva ser neutro “passivo, moralmente, amorfo e desprovido de valores em relação à educação, formação e realização do indivíduo, mas sim uma postura profissional que garante a liberdade do pensamento de outrem” (Tsupal, 1987, p.158).

Dessa maneira, pode-se remeter à ética do profissional bibliotecário. O profissional deve “exercer a profissão com zelo, capacidade e honestidade, preservando o cunho liberal e humanista de sua profissão, cooperando intelectual e moralmente para o progresso da profissão” (Gomes, 2009, p.154).

Com isso, ressalta-se que o bibliotecário, ao prezar por sua profissão, também preza a liberdade do indivíduo com quem trabalha, não ferindo seus direitos. E ainda orientando cada pessoa no mundo dos livros, sendo a peça fundamental para a formação intelectual, individual, social e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O clássico é um livro atemporal, que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. A cada leitura se descobre algo novo, ou se redescobre algo que já se sabia. Além disso, os clássicos são ricos, pois carregam experiências humanas vividas e compartilhadas, proporcionam o diálogo entre a intimidade do leitor com o livro e, sobretudo, o reconhecimento de seus próprios sentimentos ou situações que até então não identificava. São também a chave para a compreensão de tipos humanos. Tudo é apresentado ao leitor por meio da linguagem.

A vida humana na sua plenitude é representada pela arte liberal do *Trivium*. A arte liberal não é obtida apenas por arte, mas sim a partir da junção de ciência e da arte, pois há sempre algo a conhecer e algo a se fazer, e sempre de maneira livre. O *Trivium* compreende a gramática, a retórica e a lógica, disciplinas que lidam, de maneira diferente, com uma coisa só: a linguagem. Esta que, por sua vez, diferencia o ser humano dos outros seres vivos, tornando-o único.

Um dos instrumentos que alcança o aprimoramento do ser humano enquanto pessoa, de maneira integral, é a Literatura Clássica, pois ela é aquela que, “por meio da linguagem, sustenta a universalidade para tratar de situações inerentes ao ser humano” (Bergamini, 2019, p. 100). Ela e o *Trivium* são intimamente ligados. A missão da biblioteca está também ligada ao *Trivium*, pois ela possibilita a união das aspirações de desenvolvimento do indivíduo com as ferramentas para o aprimoramento do seu intelecto.

O bibliotecário tem um importante papel com a sociedade e com cada indivíduo. Atuando como mediador, ele apresentará a literatura clássica ao usuário, de forma atraente, usando o diálogo e sempre respeitando a liberdade. É com liberdade que se escolhe abrir a intimidade à outra pessoa, e é ela que faz que cada um seja dono de suas escolhas.

É mister pontuar que a leitura dos clássicos não pode ser concebida como oferta de garantias aplicáveis (Ordine, 2016), em uma sociedade que entende que tudo aquilo

que não produz lucro é visto como inútil (Ordine, 2016), no entanto, como patrimônio cultural da humanidade que é, a literatura permite ao leitor trilhar o percurso enriquecedor e formativo.

Por essa razão, é imprescindível despertar no bibliotecário a consciência de que a biblioteca pode atuar como instrumento de mudança social, sendo ele um dos agentes desta transformação, pois é pelo conhecimento que ocorrerão modificações significativas na vida de cada ser humano, acarretando mudanças também significativas na sociedade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução e notas de Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2015.

BERGAMINI, Claudia Vanessa. O sim e o não das adaptações dos clássicos literários: relato de uma experiência em sala de aula. MIRANDA, Caio Vitor; FERREIRA, Claudia Cristina (Orgs.). *Reflexões, diálogos e perspectivas sobre literatura e ensino*. Campinas: Pontes Editores, 2019.

BLATTMANN, U.; FRAGOSO, G. M. A universidade do saber encontrado em bibliotecas: ontem, hoje e amanhã. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, v. 4, n. esp., p. 56-71, 2006. DOI: 10.20396/rdbci.v4i3.2029. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2029>. Acesso em: 30 out. 2025.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*; tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMPOS, A. L. B. Mediação ética da informação: o papel do bibliotecário no serviço de referência. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 11, n. 2, p. 45-60, 2015.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARVALHO NETO, Luiz Gonzaga de. *A importância da Literatura*. Instituto Cultural Lux et Sapientia (ICLS), Curitiba 2011. (Comunicação Oral - Palestra). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jEoYC9XNTuo>=>. Acesso em 15 maio 2025.

CFB – Conselho Federal de Biblioteconomia. *Código de Ética do Profissional Bibliotecário*. Resolução CFB nº 306, de 2002.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (Brasil). Gomes, Henriette Ferreira; Bottentuit, Aldinar Martins; Oliveira, Maria Odaisa Espinheiro de. *A ética na sociedade, na área da informação e da atuação profissional: o olhar da Filosofia, da Sociologia, da Ciência da Informação e da formação e do exercício profissional do bibliotecário no Brasil*. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2009.

COSTA, Ricardo da. Las definiciones de las siete artes liberales y mecánicas em la obra de Ramón Llull. *In: Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*. UEFS, v. 23, p. 131-164, 2006. Disponível em:

<https://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/ashf0606110131a.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2025.

ELIOT. *O que é um clássico?* STEARNS, Thomas. *Prosa: selecionados de TS Eliot*. New York: Houghton Mifflin Harcourt / Farrar, Straus, Giroux, 1945.

FALCÓN, Rafael. *A unidade do Trivium*. *In: Congresso da Artes Liberais*, 2. Porto Alegre, 2016. (Comunicação Oral - Palestra). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EkNmgbBQUaE&t=5442s>. Acesso em: 30 mar. 2025.

GOMES, Henriette Ferreira. *Comportamento ético: fundamentos e orientações normativas ao exercício profissional do bibliotecário*. GOMES, Henriette Ferreira;

- BOTTENCUIT, Aldinar Martins; OLIVEIRA, Maria Odaia Espinheiro de (orgs.). A ética na sociedade, na área da informação e da atuação profissional: o olhar da Filosofia, da Sociologia, da Ciência da Informação e da formação e do exercício profissional do bibliotecário no Brasil. Brasília, DF: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2009.
- IFLA/UNESCO. Manifesto da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Públicas. Haia, 1994.
- JOSEPH, Miriam. O Trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica. Editora Realizações: São Paulo, 2011.
- MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MANIFESTO DA IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas, 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- ORDINE, Nuccio. A utilidade do inútil. Tradução de Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- PENNAC, Daniel. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura. São Paulo: Editora 34, 2010.
- RAMONEDA, Luiz; AYXELÁ, Carlos. O que ler? I: Nosso mapa mundo. 2017. Disponível em: <https://opusdei.org/pt-br/article/o-que-ler-i-nosso-mapa-do-mundo/>. Acesso em: 28 mai. 2025.
- SANTOS, Josiel Machado. Ação Cultural em Bibliotecas Públicas: o bibliotecário como agente transformador. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 173-189, jun./dez. 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/425/468>. Acesso em: 19 set 2025.
- SILVA, Armando Malheiro da; CUNHA, Murilo Bastos da. Introdução à Biblioteconomia. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2010.
- TSUPAL, Rodolfo. Leitura e atividades culturais na biblioteca pública: aspectos teóricos. Revista de Biblioteconomia de Brasília, v.15, n. 2, p.149-165, jul./dez. 1987.
- VERGUEIRO, Waldomiro. Bibliotecário e mudança social: por um bibliotecário ao lado do povo. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 16, n. 2, p. 207-216, jul./dez. 1988.
- YEPES, Ricardo; ECHEVARRÍA, Javier Aranguren. Fundamentos de Antropologia: um ideal de excelência humana. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”. São Paulo, 2005.